



CARNAVAL

Alexandre Santos



ALEXANDRE SANTOS

CARNAVAL



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Há um espírito alegre e permissivo que,
todo ano, durante quatro dias cada vez
mais longos, se manifestam e
enlouquecem as pessoas

Para Waldênio Porto

AMOR DE CARNAVAL

Ele já nem sabia que dia era aquele. Em meio a uma sede e dor-de-cabeça insuportáveis, João Luiz recordava, apenas, de que, na véspera, sem planos muito definidos, saíra de casa no final da manhã para almoçar com Tonho e Miguel no Biruta, um bar da beira mar de Brasília Teimosa, na praia do Pina. Conhecendo os amigos como conhecia, sabia que ‘sair para almoçar’ era o eufemismo que usariam para ‘encher a cara’. Não deu outra. De cerveja em cerveja, a tarde foi avançando e, entre piadas, comentários sobre a ‘bunda da vizinha’ (qualquer que fosse a vizinha), planos para os próximos dias (e só

sobre estes) e todo o tipo de conversa fiada, a vista foi turvando. Foi no começo da noite quando Miguel teve a grande ideia:

– Vamos para o Azulão?

Sem que ninguém pensasse dar resposta à interrogação solta no ar, o trio levantou-se e, automaticamente como se atendesse a um chamado divino, pegou o primeiro ônibus no rumo do Recife Antigo. O destino era a cunha aberta pelos enormes e feiosos prismas de concreto fincados no meio do antigo casario aos pés da ponte Buarque de Macedo em claro desafio aos velhos ninhos e às musas que os guardavam. Era naquelas redondezas que, na noite da 6ª feira, emergia o som mágico e pulava a multidão vestida de azul. Com um sorriso meio idiota, Tonho filosofou que, já há alguns anos, limitado

apenas pelos acordes que, no começo da manhã seguinte, liberava o Galo da Madrugada para encantar o sábado de Zé Pereira, o Azulão escapara das amarras pensadas pelo próprio criador e ganhara vida própria, deixando de ser apenas o bloco do Bandepe para ser um bloco do povo. Agora, o Azulão era de quem quisesse. Não precisava sequer usar o azul predominante. Bastava entrar no cordão.

Era no Azulão que ganhariam a noite e, se Deus quisesse, mais alguma coisa.

A música ainda estava longe, mas já mostrava o porquê da fama que tinha até no exterior. Repentinamente eletrizado, Tonho apontou os cabelos eriçados pelo arrepio que lhe corria os braços e, com pompa e circunstância, anunciou: “hoje ninguém me segura”. Era a senha que faltava para caírem na folia. Como se não

houvesse a corda que isolava pessoas de abadá azulado com a marca estilizada do Bandepe, a trinca se misturou aos pierrôs, colombinas, palhaços, mágicos, diabos, anjos, presidiários, toureiros, pirilampos, fadas, bruxas, mascarados, cangaceiros, maurícios-de-nassau, caboclos-de-lança, papangús, almas e caboclinhos, se incorporando à onda que, carinhosamente, levitava pela rua como se não quisesse machucar paralelepípedos nos quais portugueses, holandeses, africanos e caetés haviam escrito a história de todos os carnavais.

Consciente de que, naquela noite de repouso para os devotos do Galo, era um dos poucos acordados na cidade, o Azulão imperou e, decidido a não dar trégua ao sossego, encheu a ilha do Recife de luz, música e movimento. Ao som do frevo

rasgado, o bloco se movia em solavancos sincronizados, inflando e desinflando a bolha azul que pulsava segundo o ritmo alucinante. Marcados pelos surdos e taróis, clarinetas, saxofones, trompetes e trombones sopraram mais forte e o frevo ferveu, arrastando João Luiz, Miguel e Tonho junto com a multidão cuja mancha se esparramava até o Chanteclair. O Azulão saiu da Avenida Martins de Barros, arrebanhando os foliões espalhados pelos cais do Apolo e do Paço Alfândega e, entorpecido pela alegria, subiu a Avenida Rio Branco em direção ao Marco Zero, reverenciando sobrados centenários testemunhas de muitos carnavais e que serviram de pousada e bordel para marinheiros de todos os portos em busca de todos os descansos e todos os prazeres. Quando parecia que todos iam morrer de

tanto pular, Deus entrava em cena e, de rincões celestiais reservados especialmente para os gênios, mobilizava os irmãos Raul e Edgard Moraes, João Santiago, Capiba e Nelson Ferreira para orientar a orquestra a criar o tempo necessário para a recuperação dos foliões com uma sequência de frevos-canção e marchas-de-bloco. Era a hora de respirar e recompor a força para a nova maratona.

A chuva caiu quando, vindo pela Avenida Marquês de Olinda, o Azulão se preparava para cruzar a ponte Maurício de Nassau e invadir a ilha de Santo Antônio para a apoteose na Avenida dos Guararapes. Muita gente buscou proteção sob as marquises, inclusive João Luiz, Miguel e Tonho. Aquele pequeno temporal parece ter sido arte do Cupido, pois, do nada, sob o mesmo abrigo, depararam as

três bruxas, sorridentes e completamente ensopadas. Culpa ou não do álcool das últimas horas (jamais saberiam), concluíram ser aquelas as bruxas mais bonitas já vistas sobre a face da Terra em todos os tempos. Feronômios exaltados, prontamente, o assanhamento grassou libertino com enxerimento geral. Mal descobriram chamarem-se Glória, Márcia e Júlia, os galãs convidaram as bruxas a deixar a vastidão azul do bloco compacto e ficar ali com eles, no Recife Antigo, zanzando de bar em bar pelas ruas da Guia, Vigário Tenório e Bom Jesus, em homenagem às grandes farras, que, um dia, em passado não tão remoto, embalavam as noites da zona. E, ouvindo o hino de Vassorinhas se esvair nas águas do Capibaribe, acompanhados como queriam

desde sempre, partiram para mais um carnaval.

Alguma coisa fez os casais se formarem naturalmente e, antes de chegarem ao segundo bar da longa peregrinação pelo antigo meretrício, lembrando tempos não vividos, João Luiz e Glória andavam de mãos dadas, Miguel trocava beijos com Márcia e Tonho e Júlia estavam aos amassos. Curtiam a felicidade arrebatadora dos amores de carnaval e, talvez refletindo a licenciosidade vivida e trabalhada naquele ambiente em que, por muitos anos, reinara a putaria, sonhavam os planos mais malucos para aquela noite. Embora cada um alimentasse as próprias loucuras, a julgar pela pressa, menções, insinuações e permissões, com a libido à flor da pele, as mulheres faziam jus às fantasias que usavam e pareciam prestes a

explodir prazeres. A trinca exultou, pois um festim com as ninfas era tudo o que o paraíso poderia propiciar naquela noite. O céu estava ali, na frente deles, especialmente porque (no dizer deles próprios), a despeito da farra ter começado cedo, ainda havia muita energia reservada para a folia. Mas, repleta de fantasmas da vida, a noite escondia mistérios. Entregues às traquinagens do amor, do mesmo modo que não perceberam a chegada da guarda que, com uma ponta de inveja, lhes exigiu “compostura”, os machos não sentiram o passar do tempo e, muito menos, compreenderam a estranha perturbação que, de repente (depois desconfiaram ter sido à meia-noite), agitou as mulheres, alterando-lhes o humor e fazendo desaparecer a excitação. Sem maiores explicações, as bruxas cessaram beijos,

desvencilharam abraços, interromperam carinhos e, como se nada estivesse acontecendo, avisaram, simplesmente, que precisavam voltar para casa. Não houve chance para ponderações. Do mesmo jeito que, do nada, tinham aparecido horas atrás, as mulheres desapareceram sem deixar rastros. Nem endereço, nem lugar de trabalho, sequer um número de telefone através do qual pudessem ser contatadas. Sem a presença de Glória, Márcia e Júlia, a noitada que prometia longa e prazerosa virou apenas uma lembrança de carnaval. Feridos nos brios de homem, a trinca ainda cogitou uma 'caçada de fim-de-noite pela Rua da Moeda', mas a visão dos bêbados dormitando pelos bares e das quengas sentadas no meio-fio falou mais alto. A noite tinha acabado. Não adiantava insistir.

Era hora de fazer como todo o mundo e descansar para brincar o Galo.

Na manhã seguinte, logo cedo, o telefone tocou. Sem saber exatamente que dia era aquele, amargando a maior ressaca já curtida na vida, João Luiz atendeu. Era Célia, a noiva, que saía do plantão na enfermaria do hospital Barão de Lucena e, antes de seguir para o Galo, queria ‘matar as saudades’ e tomar café no Mercado da Boa Vista. Repentinamente esquecido da dor-de-cabeça, João Luiz ainda pensou dizer sim. Só, então, lembrou ter combinado com Tonho e Miguel varrer o Galo de ponta a ponta até achar as bruxas que, na véspera, os tinha enfeitado.

Publicado em Revista Olindacadêmica, nº 01.
Academia de Artes, Letras e Ciências de Olinda,
2012. P. 115.

NOVEMBRO DE 36

Chegado há pouco em Olinda, Dr. Pedrolino, recém contratado pela maternidade e portador de costumes, sonhos e anseios trazidos de muito longe, nunca vira nada parecido. Depois de uns minutos na janela, extasiado com a visão do mar, que se desfazia em espuma nos arrecifes da barra, abriu a agenda. Era novembro de 1936. Desde o feriado da proclamação da república, já fizera doze partos. As mulheres, todas jovens e bonitas, vinham acompanhadas das mães e, dias depois, menos arredondadas e afolozadas por uns tempos, voltavam para casa com bebês saudáveis, daqueles que, desdenhando conveniências e horários, esgoelam energia para anunciar saudades

de tetas e chupetas, enervando vizinhos à beira da loucura. Aquela movimentação era inédita nos registros oficiais da maternidade. Parecia até que, de uma hora para outra, como que de caso pensado (depois ficaria claro que aquele fora um episódio típico de 'caso impensado'), todas mulheres tivessem decidido parir juntas. Pela programação, só naquele dia, ele assistiria quatro partos.

- O que está acontecendo? - perguntou à Colombina, parteira jovem, porém experimentada na vida e na labuta, famosa por conhecer mais pecados e segredos do que o pároco da Sé e por identificar e diagnosticar situações suspeitas num simples piscar.

A pergunta deve ter atizado o anjo falador que nela morava, pois, evocando um passado recente, f piscou um brilho

malicioso no olhar, franziu um sorriso sapeca, balançou a cabeça como quem condena o comportamento d'outro e, num cochicho quase inaudível, confidenciou mistérios guardados a sete chaves por algumas das famílias mais tradicionais da cidade. O monólogo foi longo.

- Isso é coisa de Arlequim, doutor - começou e, com a segurança de quem sabe das coisas e sem o recato esperado nas damas, escancarou detalhes do último carnaval, festança inesquecível que, para tristeza do arcebispo, entraria para a história das folias desregradas em função dos pecados da carne, das mucosas e dos nervos cometidos impensadamente, deixando uma herança de arrependimentos, histórias mal contadas, desculpas esfarrapadas, penitências

impagáveis, virtudes destruídas, vocações abaladas e segredos imorredouros.

Naquele ano, como nos anos anteriores, o domingo de carnaval chegou sem que o sábado de Zé Pereira tivesse acabado. O sol já rompera o horizonte, expulsando pouco a pouco a noite enluarada com raios vermelhos que mudariam de cor com o avanço da manhã, acordando galos para misturar notívagos e madrugadores de todos os tipos, fazendo cheirar cozinhas e movimentar trilhas que levavam às igrejas e padarias. Nos largos e ladeiras ainda ecoavam acordes dos frevos solfejados e cantados pelos boêmios noite a dentro. Foliões embalados por muitos tragos se amparavam uns nos outros entoando serenatas ao pé de janelas desconhecidas. Em alguns quartos, arrependidas de intimidades permitidas a

pretendentes apressados, ainda sentindo as partes quentes e meladas, virgens bolinadas não conciliavam o sono, em outros [quartos], abraçando travesseiros com sofreguidão, moçoilas casadoiras remoíam o baú dos segredos que levariam ao túmulo, revivendo lembranças dos flertes, beijos e amassos concedidos, tolerados ou, mesmo, roubados. Tudo como em todo carnaval.

A confusão cujos frutos brotaram nove meses depois começou na missa do meio-dia. Foi assim:

Despertado em plena homilia do cochilo reparador da noitada da véspera, o prefeito ouviu o vigário dizer que "as pessoas devem se manter preparadas para o julgamento de Deus como se o mundo fosse acabar naquele dia". Atormentado pelos próprios pecados, o prefeito achou

ter ouvido que o mundo acabaria naquele dia. Era apenas um mal entendido e poderia ter sido desfeito naquele mesmo momento se não fosse a santa malvadeza do padre, que, procurado depois da missa, percebendo o hálito carregado do prefeito, decidiu dar-lhe uma lição, confirmando a interpretação com a recomendação de abstinência e orações. O tiro, no entanto, saiu pela culatra, pois, ao invés de recolher-se em retiro para espiar os pecados e garantir um lugar no céu conforme queria o cura, o prefeito resolveu aproveitar os últimos momentos e, preterindo a jornada de filhoses e mel que o aguardava no Palácio dos Governadores, entrou na primeira casa de recursos - um lupanar decadente chamado 'sobrado das quatro santas' - e, sem

poupar despesas, caiu na farra com as ruivas mais caras da casa.

Foi o início da grande crápula. Arlequim se encarregou de espalhar a notícia e, em questão minutos a cidade inteira soube do triste destino reservado a todos. "O mundo vai acabar" choravam uns, "Ninguém passa da Quarta-Feira-de-Cinzas", gritavam outros. Daí em diante foi um deus-nos-acuda. Embora, bem ao gosto do vigário, uma irrisória minoria tenha mergulhado em orações esquecendo completamente o reinado de Momo, a maioria absoluta, decidida a viver anos em minutos, resolveu se esbaldar. Os homens ficaram mais impetuosos e, repentina e simultaneamente, o mulherio entrou no cio, escancarando sorrisos e abrindo as pernas como nunca tinha feito. Beatas cederam às pressões de sacristãos, viúvas

esqueceram o recato e trataram de descontar o novo e o velho nos primeiros que apareceram, noivas e prometidas resolveram experimentar o que deveria ser conhecido apenas após o matrimônio, solteiras amolegaram o que diziam nem saber existir, se deixaram apalpar e, sem controle, comeram e foram comidas por muitas e muitas vezes, de todas as formas possíveis.

A ampulheta carnavalesca escoava 'as últimas horas' e, cada vez mais prementes e ansiosas, vizinhas se entregaram a vizinhos, primas se deixaram conhecer por primos, senhoras casadas convidaram padeiros e artesãos para conhecer intimidades nunca dadas aos próprios maridos, matronas sequiosas voltaram a ação esbanjando experiência, noviças do Convento de Santa Gertrudes

levantaram o hábito levando diáconos a fazerem o mesmo com batinas para deixar o instinto libertino orientar mãos e membros inocentes por caminhos tépidos de expectativas. Senhorinhas de todas as idades alternaram o vuque-vuque com intermináveis banhos de assento no leite reparador, aliviando as partes pudendas que queimavam ansiosas por novas assaduras.

Naquele carnaval o frevo foi outro. O que era para ser uma festa da carne, virou uma bacanal desregrada. Coisas inimaginadas aconteceram por toda a parte, pois, no embalo da despedida, poucas quiseram levar para o céu aquilo que poderiam dar por aqui mesmo e, a julgar pelo entusiasmo como se deram, naqueles dias São Pedro não teve trabalho, pois a missão que lhe cabia junto às virgens

fora cumprida por algum Arlequim olindense.

Finalmente a folhinha apontou a 4ª feira. A quaresma chegou e, desmentido os boatos, o mundo não acabou contrapondo o alívio pela sobrevivência da humanidade com a angústia de permanecer viva carregando um rosário de arrependimentos. Começou, então, um pequeno inferno. Confessionários por toda a cidade enfrentaram longas filas e, logo cedo, ao tempo que esgotava-se o estoque de manteiga de cacau nas farmácias, a cúria já sabia que, a não ser no carnaval de 1910 quando a luz do Halley provocara frisson semelhante, jamais houvera tamanha salseira no rebanho de Deus.

Daquela 4ª feira em diante muita coisa mudou em Olinda. Muitos casamentos foram apressados, outros

tantos desfeitos. Vizinhos deixaram de se encarar. Sabendo que não poderia voltar para o armário do qual saíra na antevéspera, o juiz tomara uma dose fatal de criolina.

Os dias passaram e, como não poderia deixar de acontecer, muitas mulheres não viram o sangue chegar na hora certa e barrigas começaram arredondar. Arlequim deixara marcas. Embora tivesse perdido noviças, que de repente descobriram uma nova face da glória de Deus, a Casa de Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição ganhou muitas jovens, cujas famílias, embora soubessem-nas desprovidas de vocação religiosa, preferiram vê-las na Ordem a enfrentar os mexericos das fofoqueiras. Em algumas casas, ao invés de inventar explicações para o óbvio, famílias

anteciparam o início das aulas e jovens de narizes vermelhos foram encaminhadas para internatos distantes. Em outras, mesmo solteiras, meninas cresceram barrigas indicando o iminente aumento da população.

- Agora, doutor, passados nove meses, a cidade vai crescer. Se o padre não tivesse inventado aquela lorota, nada disso estaria acontecendo.

Foi quando o Dr. Pedrolino atinou para a gravidez de Colombina.